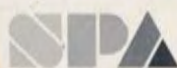


ANTÓNIO TORRADO



TEATRO DO *lêncio*

ÍCIOS DRAMÁTICOS EM 1 ACTO



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

821.134.3
TOR, A

ANTÓNIO TORRADO

TEATRO DO SILÊNCIO

5 exercícios dramáticos em
1 acto



94-03-03

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2ª Série

© António Torrado e S.P.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal, N.º 7179

Capa e arranjo gráfico: César Veloso

Fotografia da contra-capas: Manuel Ricardo

Edição: S.P.A. — Avenida Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Primeira Edição — Abril 1988

Composição e Impressão: IMPRESSE 4

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

OS OBSCUROS

Exercício dramático em 1 acto com 3 personagens

OS OBSCUROS, exercício dramático em 1 acto de *ANTÓNIO TORRADO*, obteve menção honrosa (na modalidade de peças de curta duração) no concurso organizado pela S.P.A. para comemorar o 50.º aniversário da sua fundação e foi publicado, em 1.º edição, como separata à revista «Autores», 1975. Por nos parecer oportuno, aqui se transcrevem os pareceres de dois membros do respectivo júri — o dramaturgo Bernardo Santareno e o crítico Fernando Midões —, pareceres que foram publicados no n.º 81 de «Autores».

«O mestre a quem pertence o oráculo de Delfos não exprime nem esconde o seu pensamento, mas dá-o a conhecer por um sinal» (tradução livre de Heráclito de Éfeso, «O Obscuro»). Cremos que António Torrado (que cita este fragmento) bebeu aqui a primeira água com que amassou o seu curioso exercício dramático. Em «Os Obscuros» as personagens praticamente não falam: terão pois de exprimir por outros sinais cénicos (que não a palavra) o peso das interrogações que as perturbam, as atraem ou lhes repugnam. Os actores terão de se exprimir com o rosto, com o corpo, com os sons surdos em que se afoga a voz. Se António Torrado encontrar actores jovens e bem preparados (o Conservatório deu-nos, nos últimos anos, alguns) e um encenador capaz de traduzir em sinais adequados o seu apaixonante guião (estamos a lembrar-nos de Águeda Sena) poderemos dentro em pouco vir a admirar um estranho e belo espectáculo. Assim o esperamos.

BERNARDO SANTARENO

Quanto a «Os Obscuros» (e atendendo a que António Torrado tem sido até agora um escritor e não um homem de Teatro, realidade que me parece muitíssimo importante, pois de súbito testemunhamos, para já, a coexistência do dramaturgo que nasce), o que avulta é a opressiva densidade do clima dramático que percorre o texto, a clareza com que a lenta mudança das situações (a árdua aprendizagem do Homem?) nos dá o sentido do devir do espírito na caminhada da História (não é por acaso que António Torrado antepõe ao seu exercício dois fragmentos de Heráclito de Éfeso), o modo como sem palavras (sim, também existe algo de beckettiano em «Os Obscuros») as três personagens se esculpem e individualizam sem que nunca tenhamos a noção de estarmos perante sequências mímicas (coisa que o autor repudia na «Nota Prévia à Acção»... mas que poderia não ter alcançado). — Quem são esses três homens («Sicrano», «Fulano», «Beltrano»)? Torrado ergue suposições, alinhadas de modo dicotómico: ou humanóides, crianças antes da fala, amnésicos, esquizofrénicos... ou mineiros, exploradores de grandes profundidades.

Julgo, quanto a mim, que as três personagens, não correspondendo a nenhuma das hipóteses que colho das palavras do seu criador, têm um pouco de cada uma delas e são muitíssimo mais do que isso. São, talvez e a um tempo, o caminhar histórico do Homem Individual e do Homem Colectivo. Creio vislumbrar, na dialéctica dos encontros e desencontros de «Sicrano», «Fulano» e «Beltrano», por um lado, a difícil aprendizagem do viver em sociedade, por outro, os sinais da recusa do Homem a quanto o oprime e degrada, mesmo em situações-limite. A ser assim, a brevíssima peça de António Torrado — que transporta consigo evidente sugestão de beleza plástica — seria apenas epidermicamente tocada por Beckett, não niilista de conteúdo, antes doloroso trecho da luta do Homem para se assumir em dignidade no seu diálogo com o Outro, num plano absoluto onde existam a Justiça e a Igualdade.

FERNANDO MIDÕES

CENA

Ao fundo da cena, de frente para o público, um grande armário de duas portas, sólido e antigo.

Toda a zona do palco, que sobra do armário, coberta com um colchão, tipo colchão de ginástica, mas pouco espesso. Colchão visivelmente usado.

PERSONAGENS

Três homens:

Fulano, Beltrano e Sicrano.

Vestuário dos três homens: o mais possível neutro. Neutro e em relativo desalinho, embora minimamente individualizado.

Calçam alpargatas.

Quando se descortina o palco, estão os três homens, sentados no chão, virados para o armário, formando um vago semicírculo. Sentados em atitude de abandono. Deve ser perceptível que se trata de pessoas que só em ocasiões extremas, de extremo cansaço, de extremo desânimo, se sentam no chão.

ACÇÃO

Dispostos quase em semicírculo, de que a frente do armário é o diâmetro, sentados, inexpressivos, diante das portas fechadas do armário, os três homens são (da esquerda para a direita): Sicrano, Fulano e Beltrano.

Do fundo da plateia, atiram para o palco (esquerda baixa) uma chave. Som abafado pelo colchão.

Nenhum dos homens se move.

Longa pausa.

Beltrano, o que mais longe ficou da chave, faz um breve sinal com a cabeça pra que Fulano pegue nela.

Fulano passa o mesmo sinal para Sicrano, que é deles três o que mais perto está da chave. Sicrano escusa-se.

Fulano, no meio de ambos, vira-se interrogativamente para Beltrano.

Beltrano, o que iniciou este encadeamento de gestos, encolhe os ombros.

Longa pausa.

Furtivamente, enquanto Beltrano e Fulano permanecem na mesma posição de desleixo corporal, a mão de Sicrano, o que está mais perto da chave, desliza para ela.

Ele quase a apanhá-la e Beltrano, o que está mais longe, interceptando-lhe com o olhar o gesto, a dirigir-lhe um sinal de aprovação com a cabeça.

Sicrano suspende o deslizar da mão.

Beltrano chama a atenção de Fulano, sentado no meio